
A interação sexual em três atos: estudo de caso do videoclipe Bum Bum Tam Tam

Frederico A. A. L DA SILVA¹

Daniela Amado RABELO²

Faculdade Anhanguera de Brasília

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar quais signos e de que forma a interação sexual é retratada no videoclipe Bum Bum Tam Tam (2:51 minutos), o mais popular do canal de Youtube Kondzilla. Estrelado pelo Mc Fiote, ele é o objeto de pesquisa analisado, o corpus de análise de conteúdo qualitativa com suporte quantitativo. Utilizou-se o método de análise de imagens em movimento em capítulo de Diana Rose no livro organizado por Bauer & Gaskel (2008) com uso de elementos técnicos (cores, figurino e planos) aliado discussão teórica. A produção abusa de estereótipos presentes na sociedade brasileira (mulher-objeto, homem-dominante). Além disso, letras sexualizadas, danças erotizadas, as expressões faciais de prazer se mesclam à cenas de harém e urbanas e música em crescente, um movimento em 3 atos.

PALAVRAS-CHAVE: Funk; Internet; Interação; Sexo; Jornalismo.

INTRODUÇÃO

Nascido no Rio de Janeiro, mas influenciado pela cultura norte-americana, embora com nuances próprias, o funk carioca se espalhou pelo Brasil e virou um produto cultural de massa. O gênero se revela com identidade própria: nele estereótipos são reforçados e ele cada vez mais expressa a própria localidades em suas pessoas. Assim, o funk se tornou um símbolo de resistência daquela comunidade periférica, revelando os problemas, o cotidiano e se tornando entretenimento e representação para a comunidade.

A partir da internet, as comunidades virtuais puderam ter a sua 'voz ouvida', elas puderam se expressar. Observando o crescimento da Internet, o sociólogo Pierre Levy (2008) afirmou que “está claro, o movimento social e cultural que o ciberespaço propaga, um movimento potente e cada vez mais vigoroso” (p. 132).

¹ Graduando de Jornalismo da Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB), e-mail: fredelimadf@gmail.com.

² Professora orientadora, Professora da Anhanguera Educacional de Brasília (FAB), mestre em Bioética Universidade de Brasília (UnB).

O ciberespaço é um ambiente influente e prova disso é o objeto deste estudo, o videoclipe Bum Bum Tam Tam do Mc Fioti possui mais de um bilhão de visualizações, se tornando o vídeo recordista de um artista brasileiro na plataforma.

O canal Kondzilla é atualmente a terceira página com mais inscritos no Youtube global: são mais de 43 milhões de inscritos e as visualizações já passaram dos 21 bilhões (YOUTUBE, 2018). Para se obter o lucro é preciso que a produtora lance o maior número de músicas e videoclipes, mas tudo dentro da lógica que agrade o público consumidor, caso contrário, se torna um prejuízo para o canal.

Para os pesquisadores Lucas Reginato e Júlia Faria, “Konrad Dantas, garoto da cidade de Guarujá” foi o responsável por imprimir uma nova estética ao funk onde “qualquer item de luxo podia ser motivo de uma canção” (p. 114). A produtora cresceu não através de formas tradicionais “como nas rádios e nem tanto de baile em baile, mas principalmente na internet”.

O contexto do funk carioca, das novas identidades promovidas na internet, em suas comunidades virtuais e da força dessa produtora faz repensar o objeto de estudo em uma dimensão: a interação sexual presente no videoclipe Bum Bum Tan Tan. Partiu-se do desejo do pesquisador em apresentar quais signos e de que forma a interação sexual é retratada nesse vídeo, que é o mais popular do canal de Youtube Kondzilla.

METODOLOGIA

Material e Método

O *corpus* de pesquisa foi o clipe disponível no canal Kondzilla do Mc Fioti – Bum Bum Tan Tan (2:51 minutos) com lançamento em 2017 e produção de Lucas Júnior (GOOGLE, 2018). Tem 1 bilhão de views (última contagem em 18/09/2018) e é o vídeo mais popular do canal Kondzilla.

Método

Utilizou-se o método de análise de imagens em movimento em capítulo de Diana Rose no livro organizado por Bauer & Gaskel (2008) com as seguintes etapas: seleção de amostra (*corpus* de pesquisa), transcrição de dados disponíveis em tabela com duas colunas (imagética e verbal, tabela 1), codificação e categorização com posterior análise de resultados.

1) Seleção de cena

O videoclipe BUMBUM TAN TAN do Mc³ Fioti, tem a duração de 02 minutos e 51 segundos. O vídeo é dividido em 3 atos. No primeiro ato o Mc está em um ambiente com temática egípcia, no qual ele é o personagem masculino dominante auxiliado por um “gênio da lâmpada”. As mulheres entram nesse “harém” dançando e massageando o personagem principal. Todos estão caracterizados com roupas temáticas. Uma das mulheres vestida como odalisca pega a “lâmpada” e passa para o Mc. O gênio também repassa a flauta que ele está tocando para o Mc. No segundo ato, o Mc é uma pessoa comum, que flerta as mulheres no dia a dia, ao passo de que nessa sequência ele que vai a conquista delas. As mulheres presentes nesta cena ficam hipnotizadas pela flauta que ele toca. No terceiro ato acontece a dominação do espaço pelo Mc, ao passo de que ele é o único homem que tem uma caracterização diferente dos demais personagens masculinos na cena, usando trajes contemporâneos; ele é o destaque. O Mc devolve a flauta para o gênio. A última cena se torna um grande baile, um harém, com mais personagens.

2) Transcrição das cenas

Executada nas duas dimensões (visual e verbal), está disponível em anexo (anexo 1).

3) Codificação e categorias de conteúdo

A codificação foi realizada também segundo os preceitos de Bauer e Gaskell e sistematizada em uma planilha de dados quantitativos. Após decupagem da cena foi realizada a análise dos *takes* (TOMADA (em inglês, “*TAKE*”), ou seja: "referindo-nos aqui à quantidade de acção filmada entre o momento em que o realizador dá ordem de filmagem (“acção”) e o seu termo (“corta”)." (LUÍS NOGUEIRA, 2010: p.15).

Os elementos técnicos de análise foram cores (A), figurinos (B) e enquadramentos (C), disponíveis em anexo (anexo 2).

4) - Codificação dos elementos técnicos de análise.

Os resultados estão disponíveis em anexo (anexo 3).

³ Mc é um acrônimo de mestre de cerimônias (MICHAELIS, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos elementos codificados e uso de teorias da comunicação permitiram entender a interação sexual apresentada no clipe em três categorias/atos sequenciais: 1) identidades masculinas e femininas; 2) a interação sexual nas ruas e 3) institucionalização do harém.

Identidades masculinas e femininas

A compreensão dos significados da internet na vida das pessoas é uma primeira discussão estabelecida neste estudo. O vídeo atingiu uma marca ainda não alcançada por um outro artista brasileiro: são 1.093.479.218 visualizações no canal Kondzilla no Youtube⁴.

O surgimento da Internet acarretou mudanças comportamentais na sociedade: para os grupos e os indivíduos interagirem não era necessário apenas estarem juntos fisicamente. A partir do ciberespaço era possível essa sociabilização virtual como apresentou a pesquisadora Raquel Recuero (2009):

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa, para este trabalho, é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais (p. 24).

O computador, os celulares e os demais meios de comunicação que são conectados à internet se traduzem em um dos principais meios da atualidade para o entretenimento, a informação, trocas de mensagens, redes e demais segmentos. O filósofo Pierre Levy (2008) definiu o ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela intercomunicação mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (p. 92). O Youtube faz parte desse espaço e reconfigura as identidades presentes no mundo.

Antes de compreender a questão da identidade no ciberespaço e suas reconfigurações pós-modernas, é preciso saber como ocorreu a sua criação. Os autores Jean Burgess e Joshua Green (2009) explicam no livro como foi essa criação e quais foram os diferenciais que possibilitaram o Youtube se destacar entre outros sites parecidos na época:

⁴ Registro efetivado até 29/11/2018.

Fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal, o site YouTube foi lançado oficialmente sem muito alarde em junho de 2005. A inovação original era de ordem tecnológica (mas não exclusiva): o YouTube era um entre os vários serviços concorrentes que tentavam eliminar as barreiras técnicas para maior compartilhamento de vídeos na internet. Esse site disponibilizava uma interface bastante simples e integrada, dentro da qual o usuário podia fazer o upload, publicar e assistir vídeos em streaming sem necessidade de altos níveis de conhecimento técnico e dentro das restrições tecnológicas dos programas de navegação padrão e da relativamente modesta largura de banda (p.17).

Embora sua interface seja mais complexa hoje do que em 2005 e exista a concorrência de outras plataformas como *Vimeo*⁵ e *Dailymotion*⁶, além da força no compartilhamento de vídeos em redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*; o Youtube continua sendo a maior plataforma de vídeo. De acordo com a própria plataforma (YOUTUBE, 2018), é o segundo site mais acessado do mundo.

Os dados oficiais divulgados pelo próprio Youtube (2018) ajudam a mostrar a força do site: mais de 1,9 bilhão de usuários conectados ao YouTube acessam a plataforma todos os meses. Diariamente, as pessoas assistem mais de um bilhão de horas de vídeo e geram bilhões de visualizações. Essa rede social lançou versões locais em mais de 91 países, criando uma identidade com os grupos locais. O internauta também pode navegar por até 80 idiomas diferentes (o que abrange 95% dos usuários da Internet). Em média o público tem de 18 a 34 anos.

A missão do Youtube é “dar a todos uma voz e revelar o mundo” (YOUTUBE, 2018). Os valores se baseiam em “direitos e liberdades que definem quem somos” e se guiam por quatro pilares: liberdade de expressão, Direito à oportunidade, Direito à informação e Liberdade para pertencer (comunidades) (*id ibidem*).

Esses dados se mostram relevantes quando é pensada a tecnologia em relação à cultura e a formação de identidades. Um autor que tem influenciado nesse campo é Stuart Hall (2005). Para ele, elas têm se tornado algo efêmero e passageiro, e não há mais uma base, mas sim várias influências quando se pensam na pós-modernidade à medida que os “sistemas de significação e representação cultural se multiplicam” (p. 13).

Continua o autor que, o sujeito, previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável, se fragmenta. Ele é composto hoje, na pensada pós-modernidade de Stuart Hall (2005),

⁵ www.vimeo.com

⁶ www.daylimotion.com

não de uma única, mas de várias identidades, alguma vezes contraditórias ou não resolvidas (p.12).

Zygmunt Bauman salienta que “as identidades são assim oscilações contínuas” e que na modernidade líquida “coisas deliberadamente instáveis são a matéria-prima das identidades, que são necessariamente instáveis” ou seja, as identidades estão em constante mudança (BAUMAN, 2001, p.100).

Pensando o objeto de estudo, ele é dividido em 3 atos bem marcados com 'blacks de passagem'. No primeiro existem estereótipos que reforçam imagens presentes na sociedade brasileira como o homem sendo a figura central; a mulher como objeto, abusando do corpo feminino; a ideia de harém que o cenário sugere. Os símbolos reforçam a imagem que a sociedade brasileira alimenta em seu imaginário, de como as pessoas que veem o vídeo querem também ser representadas. Como destacou Stuart Hall, isso explica em parte o sucesso do videoclipe.

Hall (2005) explica que “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos”, mas sim “de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (p.39). Não sou assim, mas quero que me vejam dessa forma.

Muitas tradições se perpetuam na sociedade, o sociólogo Anthony Giddens (1991: p.39) afirma que “mesmo na mais modernizada das sociedades, a tradição continua a desempenhar um papel” porém “muito menos significativo”. Os comportamentos são revisitados, mas apresentados de uma nova forma.

Cada ato é marcado por uma mudança de figurino, de roupa, de cores e de cenário. A batida da música é o movimento das nádegas das mulheres e o gemido do Mc (pausa) como prelúdio de um orgasmo. O Mc quer conquistar várias mulheres.

Entende-se, nesse sentido, que esse não é um ato individual, existe uma relação social embutida ali e presente nas mulheres que rebolam ao som do Bum Bum Tam Tam. Adotou-se a linha sociológica e isso implica que a identidade é estabelecida em uma relação social.

A definição - discursiva e lingüística - está sujeita a condutores de força, a vínculos de poder. Elas não são simplesmente delimitadas, são impostas. Segundo Silva (2000, p.81 APUD PACHECO, 2007, p. 2) “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. Onde existe diferenciação, também está presente o poder. Ele destaca, no entanto, que há uma série de

processos que traduzem essa diferenciação, como incluir/excluir; demarcar “fronteiras”; classificar; normalizar. Ou seja, só existem identidades masculinas e femininas porque há essa divisão entre os gêneros, essa classificação que define os papéis do homem e da mulher na sociedade.

O funk ostentação, subgênero do funk e criado em São Paulo, tem na produtora Kondzilla a sua maior vitrine. Um dos maiores expoentes do canal, o Mc Guimê, disse à apresentadora Marília Gabriela em uma entrevista em 2014 que “a sociedade obriga você a ter um carro legal pra ser bem tratado, então eu vou chegar com um carro legal”.

Os autores Julia Silveira e Lucas Reginato (2017) explicam que os funkeiros sempre ostentam em suas criações, desde a década de 1990, do Rio a São Paulo. Expressar o luxo sempre foi uma marca dos artistas desse ritmo. Como eles reforçam e exemplificam:

Ostentar sempre foi postura de MCs desde as primeiras duplas da Cidade de Deus, do Borel, da Baixada Fluminense no começo da década de 1990. Uma bermuda bacana, um cordão banhado a ouro, mesmo uma falsificação servia de ilusão por uma noite. Até o armamento de traficantes era exaltado em rap cantado nos morros do Rio de Janeiro. Depois disso, nos primeiros anos da década de 2010 ostentação se tornou sinônimo de Funk paulista (p.112).

Os autores afirmam que os sonhos de “ostentação”, outrora distantes, “cresceram junto com o Brasil” (2017: p. 113). Um Brasil que eles explicam que cresceu economicamente na era Lula/Dilma devido ao “desenvolvimento econômico e inclusão social - a inclusão social via consumo, bem entendido” (p. 113). Eles também afirmam que “o grande responsável por isso foi Konrad Dantas a partir da “produtora Kondzilla” (p. 114) com cliques que ”alocava mansões e arranjariam carros e mulheres para ilustrar os sonhos dos MCs” (p. 114).

O sociólogo Bauman (2008) afirma que

“A sociedade dos consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas (p. 71).

Bauman afirma que “consumir significa investir na afiliação social de si próprio” (p. 75) e que na era do consumismo “na maior parte do tempo as pessoas obedecem com a máxima dedicação” (p. 70). Ele também destaca que na sociedade de consumidores “todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser consumidor por vocação”. Ou seja, você precisa consumir para existir, para ser aceito (p. 73).

A interação sexual nas ruas

O funk brasileiro nasceu na década de 70, no Rio de Janeiro, influenciado pelo funk norte americano mas com um “jeito” brasileiro. Os primeiros bailes ocorreram na Zona Sul (VIANA, 1988).

A guinada do funk em relação ao que ele é atualmente se dá quando nos subúrbios de Nova Iorque o Hip Hop toma força e muitas características do gênero novaiorquino são assimiladas pelo ritmo carioca e perduram até hoje como a bateria eletrônica, novas vestimentas, letras sexualizadas e objetificação da mulher (VIANA, 1988).

O funk continua rodeado de polêmicas, mas ultrapassou as fronteiras das favelas e do Brasil. Atualmente é o ritmo brasileiro mais famoso no mundo, como afirmou o colunista da Folha de São Paulo, Ronaldo Lemos:

"O funk há muito tempo deixou de ser carioca. O estilo saiu das favelas do Rio de Janeiro e migrou para Belo Horizonte, Recife e capitais de todas as regiões do país. Mais do que isso, é usado por artistas e produtores internacionais que vão de Madonna a Diplo. É de longe o estilo musical mais global do país. Tanto é que a música de Fioté toca hoje o tempo todo em lugares tão diversos como Londres, Jacarta, Tel Aviv ou Antanarivano" (2018).

Apesar de ter se tornado um ritmo de resistência da periferia, desde o início, o funk se viu envolto em polêmicas por suas letras sexualizadas, pelo apoio de criminosos, pela violência praticada dentro dos bailes e por reforçar estereótipos machistas da sociedade.

Dentre os aspectos analisados no clipe, destaca-se a objetificação da mulher, a reafirmação da submissão da figura feminina como um corpo e mais do que isso, um corpo padronizado. Nos três atos é possível ver mulheres magras, quase todas brancas usando roupas sensuais, sendo retratada como um ser a serviço do homem que é o verdadeiro “dono do pedaço” historicamente.

A todo momento o vídeo reforça o machismo. Para a autora Vera Vieira (2012, p: 204), o machismo sempre esteve presente “em toda a história humana, o que se fez foi se padronizar as características sexuais do homem e da mulher. A mulher é vista como o sexo frágil e, o homem, como o sexo forte, criando essa relação de dominação e subordinação”.

Ela também complementa que na sociedade os homens são estimulados “a ter uma sexualidade livre e recreativa” (p. 219) e que eles devem “ficar com o maior número possível de meninas, e isso, sim, são sinais de masculinidade. A sociedade acredita que as mulheres “devem

controlar sua sexualidade” e também precisam ser “recatadas, frágeis e passivas” (p. 219). A autora também afirma que “são valores culturais construídos historicamente e estão fortemente estruturados em nossa sociedade” (VIEIRA, 2012).

A narrativa da interação sexual coloca a mulher em subserviência, como um produto a ser conquistado (com facilidade) pelo MC. O primeiro aspecto analisado foi a cor. Há uma supremacia nos takes das cores quentes como rosa, vermelho que são cores sensuais que já provocam essa atmosfera de conquista. O vermelho “é a cor de todas as paixões, as boas e as más” e é a cor do “fogo” e do “sangue” e que a combinação de vermelho com rosa ou violeta “é o acorde típico da sedução, da sexualidade” (HELLER, 2013).

Mesmos os tons frios são saturados, como o verde e o azul presente nas roupas das mulheres. Os tons saturados estão presentes em 75% dos takes. Há também a presença de dourado evocando a todo momento o luxo no primeiro ato. As cores também são destacadas nos figurinos femininos do segundo ato, com a presença de vermelho, branco e azul. O Mc é retratado em um discreto tom cinza.

No vídeo percebe-se que o uso de cores alternadas (saturadas/contrastadas em oposição às equilibradas da cena urbana) nos 3 atos já demonstram essas diversas configurações vividas pelo homem na atualidade.

Os figurinos que permeiam os três atos mostram um antagonismo entre roupas masculinas e femininas. As roupas do cantor e dos demais personagens masculinos não mostram o corpo, delineiam curvas e tampouco usam de cores mais quentes ou saturadas. Mesmo no ambiente urbano, o Mc é retratado com uma discreta regata e um short cinza.

As mulheres há todo momento ganham destaque. As fantasias de odaliscas evocam essa aura de harém, de submissão que a própria roupa culturalmente sugere. O dicionário Priberam (2018) define odalisca como “escrava do harém, ao serviço das mulheres dos antigos sultões”. As roupas são justas ou trazem para o foco o corpo feminino. Decotes, fendas e muitas partes do corpo feminino à mostra.

Uma outra categoria analisada reforça os clichês de dominação masculina. Nos principais planos presentes nos takes há um predomínio de closes fechados, presente em 67,52% dos takes. Esses planos, sobretudo, focam em partes do corpo feminino como nádegas, seios, barriga e coxas. Não existem enquadramentos equivalentes que abordem o corpo masculino dessa maneira.

Os planos fechados também são expressos quando o Fiote canta ou também para mostrar elementos mitológicos. No segundo ato os planos fechados, além de privilegiarem as partes dos corpos das mulheres, também destacam o "chaveco" do Mc com a flauta. De acordo com Jorge Monclar (2009), a partir dos planos “o espectador toma consciência do espaço que ele vê”. Ele também acredita que o plano “é fundamental para a compreensão do que se narra e que a partir dele “constrói-se o espaço imaginário”.

A interação sexual entre o Mc e as mulheres no clipe não se limitam às imagens. Os sons exercem importante função no vídeo. A flauta está presente em todos os takes. O som do instrumento é um sample da música Partita em Lá Menor, do compositor alemão Johann Sebastian Bach (FOLHA, 2018).

A flauta não foi colocada ali por acaso: ao mesmo tempo ela é cantada na letra da música e também assume metaforicamente a “forma” de objeto fálico. Ela é o instrumento de sedução e dominação do homem. Reforça a letra da música que: “É a flauta envolvente, Que mexe com a mente, De quem tá presente, As novinha saliente, Fica loucona e se joga pra gente”. Que flauta teria esse suposto poder hipnotizador a não ser o órgão sexual masculino, que enlouqueceria essas mulheres? O sociólogo Pierre Bourdieu (2002) explica que “visão de mundo que, estando organizada segundo gêneros relacionais, masculino e feminino pode instituir o falo, constituído em símbolo da virilidade, ponto de honra caracteristicamente masculino” (p. 32).

A voz do Mc e o ritmo também permeiam quase todos os takes, reforçando o batidão típico do funk. O refrão da música se resume em “vai com o bum bum tam tam, vem com o bum bum tam tam, vai mexe o bum bum tan tam, vem desce o bum bum tam tam” dialogando com as imagens que em muitos takes apresentam as mulheres balançando as nádegas.

A função que o som tem no filme é muito mais significativa do que a de uma imitação escrava do naturalismo; a primeira função do som é aumentar a expressividade potencial do conteúdo do filme. (PUDOVKIN, 1954, p. 156, tradução própria)

O “vai” e “vem” presente na letra se confirma de forma implícita como uma possível relação sexual subentendida na letra. O “ tam tam tam tam” também reforça esse movimento feminino de rebolar, de dançar, de mexer os quadris. O “ ân, ân” também lembra gemidos presentes nas relações sexuais. O professor e escritor Jean Caune (2012, p: 21) mostra a importância da língua ao afirmar que a linguagem “é o fundamento da sociedade humana, tanto no plano de sua

identidade como no de sua evolução” e que através da língua “o ser humano modela seu pensamento, exprime seus sentimentos, manifesta suas emoções”.

Os cenários se relacionam com a narrativa do vídeo. "O espaço é parte do vocabulário cenográfico" (HOWARD, 2015). No primeiro ato o harém é o ambiente mais intimista onde o Mc é a figura principal e as mulheres estão a serviço dele. O parque representa esse ambiente urbano, mais perto da realidade da população, na qual o homem precisa fazer um certo esforço e precisa conquistar essas mulheres sem o dinheiro e sem os ambientes propícios para essa conquista.

O último ambiente é representado por um grande baile funk novamente com os temas egípcios presentes, mas agora numa atmosfera mais pesada, sombria, noturna, em uma balada, ambiente propício para a conquista. Como sugerimos no próximo item, é a institucionalização do harém, signo representativo do baile funk.

Outros detalhes valem a pena serem destacados e reforçam essa interação sexual: o fato de uma das odaliscas pegar a lâmpada e dar para o Mc que fica acariciando como se estivesse tocando o órgão sexual feminino. Os personagens aparecem sempre com expressões altamente sexualizadas como, por exemplo, mordendo os lábios de uma forma sugestiva.

O único que possui destaque é o Mc, os outros homens são meros espectadores ou aproveitadores do show. Um desses espectadores é a múmia, personagem presente no clipe. O gênio junto às odaliscas no harém remontam a símbolos e mitos sobre o Egito antigo. Eles oferecem “modelos de vida”. Porém, os modelos têm de ser adaptados ao tempo que você está vivendo (CAMPBELL, 1990). Eles entram em um último ato festivo e dançante ao som do Mc.

É esse protagonista o novo sultão e as odaliscas são as dançarinas modernas que frequentam esse baile. São mitos "mantidos vivos" e "cabe ao artista a mitologização do meio ambiente e do mundo" (CAMPBELL, 1990: p. 98). Cabe dizer que o dinheiro e a fama são juntos um fio condutor para esse espectador e aí acontece uma identificação.

O pesquisador Giddens (2002) afirma que na modernidade tardia “o falso eu supera e encobre os atos originais de pensamento, sentimento e vontade que representam as verdadeiras motivações do indivíduo” (p. 177), as pessoas se submetem a seguir um estilo ou ter uma atitude em conformidade com o que é vendido, com o que é da moda e que “não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigado a fazê-lo — não temos escolha senão escolher” (p. 79).

Institucionalização do harém

A teoria da indústria Cultural explica que com o advento das tecnologias, os produtos culturais passaram a ser explorados para fins mercantis, tendo a mídia como forte aliada. A indústria se apropria daquilo que as massas querem consumir, ela define quais produtos culturais serão consumidos, não importando a qualidade daquele produto e tratando todos os consumidores da mesma forma, não evidenciando suas individualidades (WOLF, 1999: p. 85). E no canal Kondzilla há produtos culturais, como o clipe em estudo.

Seus produtores lançam, por mês, novas músicas, novos videoclipes e novos artistas, gerando lucro através do número expressivo de visualizações. É atualmente a terceira página com mais inscritos no Youtube global, são quase 43 milhões de inscritos e as visualizações já passaram de 20 bilhões. Quanto mais músicas, mais visibilidade, mais força à marca.

Os autores Max Horkheimer, Adorno, Marcuse e demais pensadores da Indústria Cultural, destacaram que apesar dos avanços tecnológicos e de um maior acesso à cultura, ela se tornou mercadoria nesse modelo capitalista. Como citaram Hohlfeldt *et al* se apropriando dessa teoria (2005): converte cultura em mercadoria (p. 138).

Os videoclipes da produtora Kondzilla criam narrativas semelhantes em seus vídeos, justamente para não criar resistências ou dificultar a aceitação do público em obras que saiam do padrão exposto pelo canal. A história cria uma narrativa do homem pobre, morador da periferia brasileira que imagina ser o “sultão” daquele primeiro ato.

O “sultão” é o homem protagonista, poderoso, rodeado de mulheres, possui bens financeiros e que faz questão de ostentar essa riqueza que possui. Dessa forma, esse cara pobre da comunidade acredita que conseguirá o respeito da sociedade e conquistará essas mulheres. Trazendo para a sua realidade, esse cara é um homem comum que passeia no parque, assim como mostra no segundo ato, e que precisa conquistar essas mulheres, mesmo que no vídeo seja de uma forma muito fácil, o que não ocorre no dia a dia de um homem, o clipe exagera nessa realidade.

O terceiro ato então é uma ligação desses dois atos iniciais: o público compreende que o Mc é inicialmente o cara do segundo ato, uma pessoa simples, sem posses. Através do funk esse homem alcança essa ascensão social, quando se nota que apenas ele está vestido de roupas atuais

no terceiro ato, já com acessórios como jóias que demonstram que ele se tornou aquele sultão moderno imaginado no início do vídeo.

O baile funk, então, é institucionalizado, tendo o cantor como o destaque, o dominador de todo aquele espetáculo. O baile funk é a síntese, o clímax, a retratação de todas as características apresentadas neste artigo: objetificação das mulheres, erotização dos jovens, homem no papel de dominador e a presença de elementos que reforçam a ostentação presente no ritmo. As mulheres dançam e seduzem. Os homens estão no comando do baile. Essa é a lógica do baile funk no vídeo, mulheres a disposição dos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve por finalidade apresentar os signos e de que forma a interação sexual é retratada no videoclip Bum Bum Tam Tam, o mais popular do canal Kondzilla.

A produção abusa de estereótipos presentes na sociedade brasileira, como a objetificação da mulher e o homem como figura dominadora juntando-se as letras sexualizadas; as danças erotizadas e as expressões faciais de prazer mescladas à batida em uma crescente interação sexual.

Toda essa cultura efêmera e passageira amplia o seu alcance através da Internet. A internet tem uma dinâmica própria, as pessoas podem interagir e fortalecer os laços de identidade, são as comunidades virtuais. De acordo com Hall (2005) o ser humano pós-moderno é conduzido pelo coletivo, ou seja, suas ações são pautadas por um senso comum de pertencimento.

O vídeo produz uma narrativa, que busca identificar as aspirações desse consumidor de produtos do funk. A pessoa simples da periferia se vê representada nos atos, se confundindo com a própria história do Mc. O Mc também era uma pessoa carente da comunidade, que se imaginava um dia ser um sultão, ser respeitado pelas suas posses. Através do funk o Mc Fiote, morador da periferia paulistana, conseguiu ascender socialmente, se tornando um sultão urbano, ostentando mulheres e cordões.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa Com Imagem, Texto e Som - Um Manual Prático**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

-
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertran Brasil, 2002.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Ed. Palas Athena, 1991.
- CAUNE, Jean. **Cultura e Comunicação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- HOWARD, Pamela. **O que é cenografia?** São Paulo: Ed. Edições Sesc, 2015.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2002.
- _____. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1990.
- HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores**. São Paulo: Ed. G. Gilli, 2012.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2005.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- MONCLER, Jorge. **Linguagem Cinematográfica**. Rio de Janeiro: Ed. Luz de Arte, 2009.
- NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema III - Planificação e Montagem**. Covilhã: Ed. LabCom Books.
- PUDOVKIN, V. I. **Film Technique and Film Acting**. Londres: Ed. Vision, 1954.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.
- RÜDIGER, F. **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.
- SILVEIRA, Júlia.; REGINATO, Lucas. **Funk – A batida eletrônica dos bailes cariocas que contagiou o Brasil**. São Paulo: Ed. Pandas Book, 2017.
- VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1988.
- VIEIRA, V., Charf. C (orgs). **Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica**. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz, 2012.
- BURGESS, Jean.; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Ed. Presença, 1999.

Pacheco, Joice Oliveira. *Identidade Cultural e Alteridade: Problematizações Necessárias*. 2007. 11f. Dissertação de Especialização – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2007.

Portal G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/como-mc-fioti-usou-flauta-de-bach-em-producao-ca-seira-e-transformou-bum-bum-tam-tam-em-aposta-mundial.ghtml> acesso em 02/12/2018.

Portal Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/> acesso em 02/12/2018.

Portal Folha de São Paulo
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2018/09/o-funk-de-um-bilhao-de-views.shtml> acesso em 02/12/2018.

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/10/funk-de-mc-fioti-inspirado-em-bach-ganha-o-mundo-e-bate-recordes.shtml> acesso em 02/12/2018.

Dicionário Michaelis Online

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/MC%20/> acesso em 02/12/2012

ANEXO

Tabela 1 - Transcrição das dimensões visual e verbal do corpus de análise

Dimensão visual	Dimensão verbal
ATO 1	
Ambientação, MC sentado se arrumando e acenando para as mulheres que ainda não entraram na cena. 00 a 08 seg. A1, B1, C1, C2	Voz Mc ãn, ãn e batida música (flauta)
Preto e branco, vela, mulheres entrando, símbolo kondzilla. 09 a 12 seg. A1, A2, A4, B3, C2, C3	Voz Mc ãn, ãn e batida música (flauta)

<p>Volta cenas coloridas. Mulheres entrando no “harém” e caminhando para perto do MC. Quando chegam, começam a dançar. 13 a 18 seg. A1, B1, B3, C2, C3</p> <p>O Mc começa a cantar. As mulheres dançam e o Mc observa. A câmera foca em partes do corpo feminino, como barriga e seios. 19 a 27 seg. A1, B1, B3, B5, B7, C1, C2, C3</p> <p>O Mc pede para uma das mulheres massageá-lo, que parece sentir orgasmos ao toque das mãos. E a outra ele indica a arca que está a lâmpada. A mulher fica em uma pose sexualmente sugestiva, com as nádegas empinadas para abrir o baú que está a lâmpada. 28 a 32 seg. A1, B1, B3, C1, C2, C3</p> <p>A mulher pega a lâmpada em um baú de jóias. A lâmpada é o tesouro que o Mc quer. A mulher entrega esse tesouro para o Mc. O Mc então manuseia, esfrega essa lâmpada, como quem está tocando o órgão sexual feminino. Enquanto essa sequência ocorre, tomadas rápidas mostram as mulheres dançando e o gênio tocando a flauta. Tem um macaquinho no ombro do gênio. 33 a 45 seg. A1, B1, B3, B6, B7, C1, C2, C3</p>	<p>Voz Mc ãn, ãn e batida música (flauta)</p> <p>Mc cantando “É a flauta envolvente, Que mexe com a mente, De quem tá presente As novinha saliente, Fica loucona, E se joga pra gente, eu falei assim pra ela”.</p> <p>Voz mixada “Eu falei assim pra ela” - Mc “Vai com o bum bum tan tan” Vem com o bum bum tan tan tan</p> <p>Mc - Tan tan tan, Vai mexe o bum bum tan tan, Vem desce o bum bum, tan tan tan, Vai mexe o bum bum tan tan, Vem desce o bum bum, Vai com o bum bum, vem com o bum bum; Voz mixada - bum bum bum</p>
--	--

<p>Após acariciar a lâmpada, o Mc se assusta e olha para o lado e lá está o gênio que vai se aproximando do Mc e fazendo um gesto de três nas mãos e o cantor retribui com gesto de “estou entendendo”. As mulheres continuam dançando. O gênio toca a flauta e em outros momentos ele também dança. 46 seg até 01:07. A1, A4, B1, B3, B7, C1, C2, C3</p> <p>Gênio toca a flauta. Logo em seguida ele entrega a flauta para o Mc que começa a tocar. 01:08 até 01:12. A1, B1, B3, C2</p> <p>FADE OUT.</p> <p>ATO 2</p> <p>O Mc caracterizado com uma roupa comum, segura a flauta com insegurança, aparentemente sem saber como usá-la. 01:13. A3, B2, C2</p> <p>Mulher em pé vestida com roupas justas e partes do corpo mostra. 01:14. A3, B4, B5, C2</p> <p>Mc percebe a moça e analisa o corpo dela. Ele vai observando ela e se aproximando dela por trás de uma árvore. A moça senta no banco. 01:15 a 01:21. A3, B2, B4, C2, C3</p>	<p>tum tum tum (som - batida), Mc - vai tremer o bum bum tan tan tan tan tan tan... Autenticamente falando. O qi pow. Nós ta tipo como.</p> <p>Mc - devagarzinho. ãn, ãn, ãn, ãn.</p> <p>Mc - ãn</p> <p>Som - flauta</p> <p>Voz no fundo - Eaê Fiote. ãn, ãn, ãn.</p>
---	--

<p>O Mc começa a tocar sua flauta. Ele vai se aproximando e a moça começa a perceber o som. 01:22 a 01:30. A3, B2, B4, C2, C3</p> <p>O Mc continua tocando a sua flauta. A moça fica hipnotizada, se levanta do banco, vai ao encontro do Mc e ao encontrá-lo se joga em cima dele. Os dois caem. 01:31 a 01:34. A3, B2, B4, C2,</p> <p>A tela fica preta. Logo em seguida aparecem duas moças caminhando, com figurinos urbanos provocantes. 01:35 a 01:38. A3, A4, B2, B4, B5, C2, C3</p> <p>O Mc logo percebe a presença das duas e começa a tocar a flauta. Ele vai atrás das moças, se aproxima, elas param e ele toca a flauta no pescoço delas. Elas não resistem e avançam sobre ele. Os três caem. 01:39 a 01:48. A3, A4, B2, B4, C2, C3</p> <p>FADE OUT.</p> <p>ATO 3</p> <p>Uma nova tela preta de mudança de ato. Volta o cenário do harém. Mulheres entram novamente vestidas de odaliscas. 01:49 a 01:54 A1, A4, B3, C2, C3</p>	<p>Flauta. Mc - É a flauta envolvente que mexe como a mente de quem tá presente, as novinha saliente, fica loucona e se joga pra gente.</p> <p>Mc - Eu falei assim pra ela. Voz mixada - eu falei assim pra ela.</p> <p>Mc - Vai com o bum bum tan tan, Vem com o bum bum tã tã</p> <p>Mc - Tã , tã. Vai mexe o bum bum tã , tã. Vem desce o bum bum tan tan. Vai mexe o bum bum tan tan, Vem desce o bum bum, Vai com o bum bum</p> <p>Voz mixada - bum bum bum; outra voz grave - tan tan tan;</p>
--	--

<p>Todos dançam. Mc canta e é o único que está vestido com uma roupa diferente. Há a presença de outros homens na cena. Gênio continua tocando a flauta. 01:55 a 02:35. A1, A4, B2, B3, B5, B6, B7, C2, C3</p>	<p>Mc - Vem com o bum bum; Vai tremer o bum bum tan tan tan tan tan tan. Autenticamente falando, ãn, qi pow, tem, ãn, nós ta tipo como, devagarzinho, ãn, ãn, ãn, ãn, flauta, por último uma voz - aê fiote.</p>
<p>Flyer de propaganda com o contato para shows. 02:36 a 02:50. A1, B2, B3, B5,</p>	<p>Silêncio</p>
<p>Logo “Kondzilla” - tela preta</p>	<p>Silêncio</p>

Tabela 2 - Elementos técnicos de análise

Elementos técnicos de análise	Característica conceitual
<p>Cores (A)</p> <p>Descrita de forma qualitativa nos resultados. A1: Cores saturadas/contrastada/Quente A2: Preto e Branco A3: Cores Equilibradas A4: Black de passagem</p>	<p>“A cor é uma onda luminosa, um raio de luz branca que atravessa nossos olhos. É ainda uma produção de nosso cérebro, uma sensação visual, como se nós estivéssemos assistindo a uma gama de cores que apresentasse aos nossos olhos, a todo instante esculpida na natureza à nossa frente” (FARINA, 1986).</p>
<p>Figurino (B)</p> <p>Descrita de forma qualitativa nos resultados. B1: Figurino temático do Mc Kevinho B2: Figurino contemporâneo do Mc Kevinho B3: Figurino Odaliscas mulheres B4: Figurino contemporâneo mulheres B5: Figurinos temáticos outros homens B6: Figurino múmia B7: Figurino gênio</p>	<p>“Por que a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para os transmitir” (ECO, 1982)</p>

<p>Enquadramento (C)</p> <p>Descrita de forma qualitativa nos resultados.</p> <p>Plano Aberto: C1</p> <p>Plano Médio: C2</p> <p>Plano Fechado: C3</p>	<p>Um dos conceitos mais básicos ao se realizar um trabalho com a câmera é buscar determinar qual é o melhor enquadramento a ser utilizado, ou qual o olhar que se deseja obter. Em outras palavras trata-se de buscar determinar o que será enquadrado na tela que será vista pelos espectadores. A câmera funciona como se fosse o olho de quem filma, e conseqüentemente determina o que será visto, limitando a maneira de ver o mundo sob a perspectiva pessoal que quem capta as imagens (MODRO, 2008).</p>
---	---

Codificação dos elementos técnicos de análise

Tabela 1 – Elementos técnicos de análise – Cores

Cores	N	%
<p>A1</p> <p>A1: Cores saturadas/ Contrastada</p>	<p>45 (1º ato)</p> <p>43 (3º ato)</p> <p>Total = 88</p>	<p>38,5%</p> <p>36,8%</p> <p>75,3%</p>
<p>A2</p> <p>A2: Preto e Branco</p>	<p>1 (1º ato)</p> <p>Total = 1</p>	<p>0,85%</p>
<p>A3</p> <p>A3: Cores equilibradas (planos abertos)</p>	<p>Total = 22 (2º ato)</p>	<p>18,8%</p>
<p>A4</p> <p>A4: Black de passagem</p>	<p>2 (1º ato)</p> <p>1 (2º ato)</p> <p>3 (3º ato)</p> <p>Total = 6</p>	<p>1,7%</p> <p>0,9%</p> <p>2,6%</p> <p>5,2%</p>
<p>TOTAL DE TAKES</p>		<p>117 (100%)</p>

Tabela 2 – Elementos técnicos de análise – Figurino

Figurino	N	%
<p>B1</p> <p>B1: Figurino temático do Mc Kevinho</p>	<p>Total = 25 (1º ato)</p>	<p>21,36%</p>
<p>B2</p>	<p>14 (2º ato)</p> <p>17 (3º ato)</p>	<p>11,96%</p> <p>14,52%</p>

B2: Figurino contemporâneo do Mc Kevinho	Total = 31	26,49%
B3 B3: Figurino Odaliscas mulheres	29 (1º ato) 35 (3º ato) Total = 64	24,78% 29,91% 54,79%
B4 B4: Figurino contemporâneo mulheres	Total = 14 (2º ato)	11,96%
B5 B5: Figurinos temáticos outros homens	4 (1º ato) 2 (2º ato) 6 (3º ato) Total = 12	3,41% 1,70% 5,12% 10,25%
B6 B6: Figurino múmia	1 (1º ato) 5 (3º ato) Total = 6	0,85% 4,27% 5,12%
B7 B7: Figurino gênio	10 (1º ato) 5 (3º ato) Total = 15	8,54% 4,27% 12,82%
TOTAL DE TAKES		117 (100%)

Tabela 3 – Elementos técnicos de análise – Planos

Planos	N	%
C1 Plano aberto	Total = 10 (1º ato)	8,54%
C2 Plano médio	6 (1º ato) 9 (2º ato) 11 (3º ato) Total = 26	5,12% 7,69% 9,40% 22,22%
C3 Plano fechado	32 (1º ato) 13 (2º ato) 34 (3º ato) Total = 79	27,35% 11,11% 29,05% 67,52%
TOTAL DE TAKES		117 (100%)

